

et. v.
Antonio Augusto Corrêa de Campos

N.º 604

RAPIDAS DIVAGAÇÕES

A RESPEITO

DA MULHER E DO CASAMENTO

VISTO Á LUZ

DA

SOCIOLOGIA E DA HYGIENE

DISSERTAÇÃO INAUGURAL

APRESENTADA Á

ESCÓLA MEDICO-CIRURGICA DO PORTO



PORTO

IMPRENSA CIVILIZAÇÃO

73—RUA DE SANTO ILDEFONSO—77

1888

4616 EMC

ESCOLA MEDICO-CIRURGICA DO PORTO

CONSELHEIRO-DIRECTOR

VISCONDE DE OLIVEIRA

SECRETARIO

RICARDO D'ALMEIDA JORGE



CORPO CATHEDRATICO

LENTEs CATHEDRATICOS

- | | |
|---|-------------------------------------|
| 1. ^a Cadeira—Anatomia descriptiva e geral..... | João Pereira Dias Lebre. |
| 2. ^a Cadeira—Physiologia..... | Vicente Urbino de Freitas. |
| 3. ^a Cadeira—Historia natural dos medicamentos. Materia medica. | Dr. José Carlos Lopes. |
| 4. ^a Cadeira—Pathologia externa e therapeutica externa..... | Antonio Joaquim de Moraes Caldas. |
| 5. ^a Cadeira—Medicina operatoria.. | Pedro Augusto Dias. |
| 6. ^a Cadeira—Partos, doenças das mulheres de parto e dos recém-nascidos..... | Dr. Agostinho Antonio do Souto: |
| 7. ^a Cadeira—Pathologia interna e therapeutica interna..... | Antonio d'Oliveira Monteiro. |
| 8. ^a Cadeira—Clinica medica..... | Antonio d'Azevedo Maia. |
| 9. ^a Cadeira—Clinica cirurgica..... | Eduardo Pereira Pimenta. |
| 10. ^a Cadeira—Anatomia pathologica. | Augusto Henrique d'Almeida Brandão. |
| 11. ^a Cadeira—Medicina legal, hygiene privada e publica e toxicologia..... | Manoel Rodrigues da Silva Pinto. |
| 12. ^a Cadeira—Pathologia geral, semiologia e historia medica.... | Illidio Ayres Pereira do Valle. |
| Pharmacia..... | Isidoro da Fonseca Moura. |

LENTEs JUBILADOS

- | | |
|-----------------------|---|
| Secção medica..... | { João Xavier d'Oliveira Barros.
José d'Andrade Gramaxo. |
| Secção cirurgica..... | { Antonio Bernardino d'Almeida.
Visconde de Oliveira. |

LENTEs SUBSTITUTOS

- | | |
|-----------------------|---|
| Secção medica..... | { Antonio Placido da Costa.
Vaga. |
| Secção cirurgica..... | { Ricardo d'Almeida Jorge.
Candido Augusto Correia de Pinho. |

LENTE DEMONSTRADOR

- | | |
|-----------------------|----------------|
| Secção cirurgica..... | Roberto Frias. |
|-----------------------|----------------|

A Escóla não responde pelas doutrinas expendidas na dissertação e enunciadas nas proposições.

(Regulamento da Escóla de 23 d'abril de 1840, art. 155.º)

A MEUS PAES

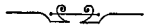


Esta cupula mal assente sobre o edificio que a muito custo erguemos, foi fundida por vós no cadinho do sacrificio, do amor e do affecto.

Pertence-vos por justiça e direito, e é, porisso, que vol-a offerece o vosso filho

Antonio.

A MEU IRMÃO



Desculpa offerecer-te tão pouco,
mas não tenho mais.

Bem sei o que te devo e o que tu
mereces.

Á MEMORIA

DE

MINHA IRMÃ

LUCINDA

Uma lagrima.

A MINHA IRMÃ

A MEU CUNHADO

A MINHAS SOBRINHAS

a

Meus Tios

e a

Meus Primos

A

João Baptista de Lima Junior

Gratidão.

AOS MEUS CONDÍSCIPULOS

ESPECIALMENTE A

José Domingues d'Oliveira Junior

José Joaquim de Valle Junior

Antonio José da Rocha

Alexandre de Sousa Pereira

Alberto de Vasconcellos Cid

João Evangelista Teixeira Lopes

AOS MEUS CONTEMPORANEOS

João Simões Ferreira Figueirinhas

José Moreira d'Almeida Campos

João Gonçalves da Costa

Zeferino Martins da Silva Borges

José Antunes da Silva e Castro

Antonio d'Almeida Dias

Fernando José d'Almeida

AOS MEUS AMIGOS

ESPECIALMENTE A

*José de S. Bento Bulhões
Arthur Costa Braga
Cesar Augusto d'Almeida
Rodrigo Alves Martins
Antonio Pinto d'Oliveira
Hypolito Francisco Alvares
Custodio José da Costa
José Peixoto Alarcão
José d'Amaral Guimarães
Arthur Corrêa dos Santos*

AOS MEUS COMPANHEIROS DE CASA

AO MEU DIGNISSIMO PRESIDENTE

Dr. Illydio Ayres Pereira do Valle

Avant-propos

DE longos tempos tem sido tratado o assumpto que escolhemos para thema da ultima prova do nosso tirocinio escolar; mas, em nossos dias principalmente, elle tomou um tal incremento que é mesmo impossivel fazer uma leve resenha de tudo que se tem dito e se tem feito em pró d'uma questão á qual estão intimamente ligados os interesses e progresso moral, economico e intellectual da collectividade humana.

Se é certo que, em todos os arraiaes scientificos, desde a America do Norte, onde os problemas sociaes são tão calorosamente discutidos nos seios das Academias e nos synhedrios dos philosophos, até ao norte da Europa, onde mesmo, aos reverbéros do gelo, elle tem sido tratado

com o entusiasmo e interesse que a sua urgencia pede, é tambem verdade que, entre nós, ainda não teve a honra do mais pequeno debate e não mereceu a attenção de tantos espiritos cultos, que, para gloria nossa, aformoseiam *este jardim da Europa*.

Não queremos dizer com isto que nós vamos dar ao nosso trabalho o desenvolvimento que elle merece, porque para isso nos falta a competencia, e o tempo nos escasseia, e, demais, a sua vastidão e sua riqueza são motivo bastante para justificarmos a deficiencia das considerações, em espaço tão acanhado, como o que se talha para uma dissertação inaugural.

O que nós temos em vista, é attrahir a attenção dos homens competentes para um assumpto que deve ser olhado como sendo d'uma importancia capital.

Se não fôra a nossa affeição por todas as questões d'ordem social, teriamos-nos rendido resignadamente perante as mil difficuldades que se nos depararam no decorrer da nossa tarefa; se chegamos ao termo da nossa viagem com os pés rasgados pelas arestas vivas que erriçavam, como pontas aceradas de punhaes, o campo que percorremos, temos a consolar-nos a consciencia de que todos os sacrificios foram feitos em favor d'uma causa que nós muito amamos e que sempre trataremos, com os recursos limitadissimos da nossa insufficiencia.

O que foi a mulher

Os phantasmas incongruentes, avultados pela potencia creadora de Milton e Dante, desapareceram anonymamente perante a luz *desinfectante* do seculo, para apenas viverem immorredoiamente nas paginas da historia como relampagos, que, atravessando seculos a fóra, vão mostrar ás gerações futuras os genios que os produziram.

São brilhantissimas as scintillações que sahem dos diamantes que estrellejam a imaginação d'um poeta, mas não o são menos os reverberos que se desprendem da mente d'um sabio, quando traça no remanso do seu gabinete a curva dos phenomenos, e as verdades que resultam dos calculos d'um mathematico.

Os sonhos do passado existem sepultados de-

baixo do pedestal aonde se levanta a estatua que o nosso seculo ergueu á *deusa* da verdade.

As visões e as chimeras ha muito que se esconderam na espessa bruma dos tempos. Mas ainda assim, apesar de ir já alto o astro do progresso, ha muita gente que occulta, no intimo da alma, convicções erroneas, herdadas d'uma educação, traçada pela mão da ignorancia. Que as conservem e agasalhem, que nós não lhes appetecemos a sorte.

Tudo isto vem para dizermos que os estudos da ethnographia comparada vieram deitar, por terra, as invenções dos creadores do genero humano.

O paraiso terreal não passa d'um mytho, e a origem da nossa especie teremos de a ir procurar nas entranhas profundas dos estratos geologicos.

O alvião do paleontologista, rasgando o pavimento das grutas e cavernas, foi encontrar o homem prehistorico nas camadas da epocha quaternaria; e, por seu turno, o anthropologista formou-lhe com paciencia e saber o esqueleto, á custa dos ossos que a acção desaggregante do tempo tinha deixado incolumemente nas cavernas da Belgica, da Suissa e da França. Mas fez mais: pelo estudo dos differentes instrumentos e utensilios de que se servia o troglodyta, nas suas necessidades domesticas (se assim se pôde dizer) e pelas armas de que dispunha, para a sua defe-

za e para o ataque contra os animaes de que se nutria, elle reconstituiu a physionomia, o caracter, os costumes e, por assim dizer, a vida social dos primeiros habitantes do globo.

D'aqui se vê que é preciso ir muito longe para estudar a evolução organica e social da mulher, nos differentes estadios da historia da humanidade. Para se fazer uma ideia de que distancia nós vimos, basta dizer que, na opinião de Charles Lyell e outros geologos, os terrenos de alluvião do Somme e areaes de Amiens e Abbeville (pertencentes ao periodo quaternario) remontam a 100:000 annos, e portanto ha quasi a impossibilidade de nós levarmos a imaginação até ao apparecimento do primeiro homem na terra.

Sendo-nos impossivel fazer um estudo da mulher na marcha ascendente dos tempos, iremos procurar as suas condições primitivas no modo como vive actualmente nas tribus selvagens, para, partindo d'ahi, traçarmos as differentes phases por que tem passado até aos nossos dias.

Diz Lobboçk, no seu livro *Mental and Social Conditions of Savage*: «Eu tenho procurado n'esta obra assignalar as condições dos nossos antepassados, nas edades afastadas, porque eu creio que as phases primitivas por que passou a raça humana, são representadas pelas condições dos selvagens actuaes».

Feitas estas considerações para justificarmos o programma que nos propozemos seguir no

presente trabalho, passaremos agora a fazer um bosquejo rapido, e, tanto mais, que o tempo urge e o espaço é curto, da vida social da mulher, desde os tempos remotos até hoje.

A mulher, entre os selvagens, não é considerada senão como um animal domestico, que tem a dupla vantagem de servir para satisfazer aos appetites sensuaes e ás cruentas necessidades da vida selvatica.

Estimam-n'a tanto como a um animal de que se precisa.

Teem o direito de a matar, vender ou ceder, segundo os caprichos da sua phantasia e interesses.

A condição degradante da mulher desce ainda de nivel, no Taiti.

Alli, não ha a noção do casamento nem do direito. A promiscuidade reina miseravelmente por toda a parte, e ella tem de se entregar resignadamente ao canibalismo feroz do devasso taitiano.

Na Australia, é considerada como uma besta de carga, mas a promiscuidade é menos revoltante, porque poucos são os homens que teem mais do que uma mulher, mas isto simplesmente como espirito de economia.

Quando os viveres lhes faltam, repastam-se nos cadaveres d'essas desgraçadas, a quem a civilisação ainda não deu a carta d'alforria.

Na terra de Fogo, só a mulher é que trabalha,

emquanto que o homem se entrega ao repouso innervante dos animaes inuteis.

Quando o inverno é rigoroso e a fome aperta, a irmã, mãe ou filha é que lhe servem de alimento.

Mas o que é mais indignante, é que, segundo refere o viajante Fitzroy, elles preferem matar a mulher a um cão.

Nas tribus da America do Norte, o homem pôde ter tantas mulheres quantas quizer e tambem desembaraçar-se d'ellas, quando muito bem lhe appetecer.

Da 'exposição feita se vê qual é o estado social da mulher nas tribus selvagens actuaes, e d'aqui se conclue qual seria o papel que ella desempenharia nos povos primitivos.

Entre os esquimós, os filhos enterram-se vivos com a mãe, se não estão em idade de ser facilmente nutridos.

Na idade da pedra polida e do bronze, encontra-se muitas vezes o esqueleto d'uma mulher juntamente com o d'uma creança.

Pelo que se deve acreditar que os homens d'então tinham os mesmos costumes que os esquimós actuaes.

E', pela comparação e analogia, que nós somos levados a concluir que a mulher prehistorica era considerada como uma besta de carga.

*

* *

Muitos seculos rolaram por cima da promiscuidade hedionda das sociedades primitivas, até chegarmos aos primeiros rudimentos da constituição da familia na epocha patriarchal.

Por esse tempo, ainda a mulher é victima das imposições tyrannicas do homem, que a considera como escrava, que lhe pertence, por direito da força e da tradição, e como tendo, por missão prover a todas as necessidades da vida pelo trabalho improbo e arduo, e transmittir á posteridade, pela geração, o nome e a gloria do individuo a quem se liga.

O sordido egoismo do homem fez com que fossem reconhecidos e legitimados os filhos das mulheres que elle tomava por pseudo-esposas e ás quaes fazia jurar fidelidade com o fim de, por assim dizer, os seus descendentes lhe continuarem a vida depois da morte.

O homem d'então apenas se extasiava deante da miragem phantastica da gloria. Queria resurgir das suas proprias cinzas, como a Phænix da fabula.

O amor da posteridade e a propriedade foram as duas correntes que convergiram para a realisação dos primeiros esboços da familia.

Quando a mulher foi arrancada á promiscuidade para ser escrava do homem, a familia tende a crear-se, e o sentimento da paternidade apparece já como prova d'um progresso realisado a favor da mulher. N'esta epocha, o homem ainda vive em tribus nomadas ou estacionarias e, d'entre as mulheres que as formam, elle prefere uma para ser a mãe legitima dos seus filhos, a quem lega o nome e os haveres; podendo comtudo ter relações com todas as da tribu, sem que isso seja reparavel ou escandaloso. O mesmo não acontece á mulher escolhida, a quem são prohibidos os contractos venaes com outro homem.

Broca, n'uma passagem da interessante relação que fez sobre os selvagens das ilhas Andaman, nos descreve a familia na sua infancia.

Diz o illustre anthropologista: «Les Mincopies mènent l'existence la plus sauvage et la plus primitive. Divisés en tribus de vingt á trois cents individus, ils habitent dans les jungles du littoral, ou plutôt y campent, car ils sont nomades; n'ayant aucune notion de l'agriculture, vivant de pêche, de chasse et des produits naturels de la vegetation, ils ont bientôt epuisé les ressources locales et restent rarement plus de quelques jours dans le même lieu.

«Les deux sexes sont entièrement nus car l'espece de cord dont ils se font une ceinture et où ils suspendent leurs armes ou leurs mêmes

utensiles ne peut passer pour un vêtement. Le cipaye qui a vécu plus d'une année au milieu de ces sauvages, affirme, ce qu'on savait déjà, qu'ils n'ont aucune idée d'une divinité ou d'une vie future. Le sentiment de la pudeur n'existe pas chez eux. Les unions sexuelles s'effectuent souvent devant toute la tribu au gré du hasard ou du caprice. Lors qu'un homme s'approche d'une femme et que celle-ci, en signe de refus, se lève et va s'asseoir dans une autre partie du cercle, il se considère comme insulté, et, si l'on ne le retenait, il tuerait ou blesserait celle que lui a fait cette offense. J'ai vu en pareil cas, dit le cipaye, une jeune femme recevoir une grave blessure à la cuisse. Aussitôt toutes les femmes s'enfuirent vers les jungles; mais les hommes prisent la chose légèrement et se bornèrent à retenir en riant l'offensé, pour l'empêcher de finir sa victime.

«Les femmes se livrent sans hésiter à leurs propres frères; leur père est le seul homme de la tribu qui n'ait pas droit à leurs faveurs. Il y a cependant chez ces sauvages une institution qui n'est pas sans analogie avec le mariage, une sorte de mariage unilatéral, par suite duquel la femme doit servir l'homme et lui être fidèle; à partir de ce jour elle appartient à son mari, mais celui-ci continue à jouir de ses droits sur les autres femmes non mariées. C'est ce demi-mariage qui seul établit la filiation et la parenté, car les enfants que les femmes mettent au monde avant

d'être mariées ne peuvent avoir droit à cette paternité, la femme en couche recoit une marque éclalante de l'interêt général; toute la tribu fait un jour de halte pour l'attendre.

«L'accouchement diffère peu de celui des animaux sauvages. La femme travaille presque jusqu'au dernier moment; elle accouche debout, les jambes écartées, en s'appuyant sur ses compagnes; l'enfant est reçu entre les mains d'une autre femme, qui coupe le cordon sans le lier. In ne fait pour attirer le delivre, qui est expulsé naturellement. Quelques heures après, la mère mange et boit comme de coutume, et le lendemain matin elle se remet en marche avec la tribu».

Eis aqui a historia da esposa nos primeiros dias da familia.

N'esta phase da civilisação, a familia não existe senão para assegurar uma descendencia numerosa e perpetuar a raça e glorificar o nome do fundador.

O grande ideal do homem, n'esse tempo, é a posteridade. Não estima a mulher senão depois de ser mãe.

Foi d'este egoismo e d'esta aspiração constante para a gloria e para a immortalidade, que nasceu a familia moderna.

Desde os tempos primitivos, a sorte da mulher melhorou grandemente, passando de *bête de somme* a escrava, mas a uma escravidão que

é o primeiro passo para a constituição da família; e nós veremos, á medida que a civilização fôr progredindo, a sua condição melhorar, não obstante o egoismo insaciavel do homem.

Na epocha patriarchal, ainda a sociedade vagabundeava como uma onda colossal sem lei, sem rumo e sem fito, atravez dos continentes.

A mulher tinha apenas deveres e não tinha direitos. O homem era o senhor absoluto, juiz e executor.

Quando esse rebanho anonymo de selvagens assentou arraiaes n'uma região escolhida, constituiu-se então o Estado, e formularam-se as primeiras leis que regularisaram os deveres e as obrigações dos cidadãos, impostos pelos interesses da collectividade.

No Estado, não ha o absolutismo despotico da epocha patriarchal, porque o homem já tem obrigações a satisfazer, deveres a cumprir e regras a observar.

Constituida a nação em bases rudimentares e convenções universaes, as reformas foram-se fazendo a pouco e pouco e o progresso operou-se lenta e gradualmente.

A condição da mulher foi-se melhorando e elevando com a sociedade.

Póde-se estudar a sua situação, n'este momento da evolução social, em dois povos, em que o Estado é nitidamente formado, mas, por assim di-

zer, na sua juventude; são elles, Roma e Athenas, antigas.

A mulher romana é ainda reduzida á condição humilhante de escrava, não sendo mais do que uma propriedade do chefe de familia, mas o seu nivel moral subiu extraordinariamente, perante o desprezo a que era votada na epocha patriarchal.

A mãe é estimada, respeitada e quasi que venerada por todos; mas o Estado não a defende contra as violencias que sobre ella possa praticar o seu senhor.

Em Athenas, pelo contrario, a mulher entra na familia protegida pelas leis, mas a protecção que lhe é concedida, não tem uma significação nobilitante para ella, porque deriva dos interesses egoistas d'esse povo. Obrigam os homens a casar-se, e protegem a esposa, porque precisam de soldados para a defeza da patria.

O atheniense casa forçadamente e não por vontade. Chega a odiar as mulheres, fugindo para a Thebaida. O hymeneu para elles é um carcere e o thalamo um tumulo.

Aristoteles punha a mulher ao pé do escravo e da creança, mas o divino Platão é ainda mais cruel, porque a considera intermediariamente entre o animal e o homem; diz elle:

«Les hommes que se sont montrés, pendant leur vie, lâches ou injustes, renaîtront femme dans

une autre existence; d'autres plus coupables encore renaîtront sous diverses formes de animaux.»

E' realmente surprehendente este desprezo, quando quasi todos os espiritos cultos d'esse tempo ligavam toda a consideração e estima ás mulheres illustradas e ás cortezãs.

O progresso da mulher inicia-se d'uma maneira bem accentuada, mesmo na antiga Roma.

Não ha aqui o *achat* ignobil da epocha patriarchal, e, se as leis eram ainda bastante crueis para ella, os costumes tinham consideravelmente elevado a sua condição social. A matrona romana era acatada por todos; na familia, nas festas publicas, nos theatros, emfim por toda a parte, era rodeada de respeito, e todos se inclinavam deante d'ella. E' o triumpho da maternidade.

*

* *

Milhares d'annos foram precisos para que a mulher sahisse da bestialidade e da escravidão primitiva. O seu progresso foi-se operando vagarosa e lentamente atravez de todas as vicissitudes sociaes. E o que é de notar é que ella pouco ou nada contribuiu para a sua emancipação progressiva; foi o homem, que, por sua necessidade e pelo interesse da collectividade, a foi libertando da abjecta condição em que se encontrava nos primeiros dias da humanidade.

O interesse da familia, por um lado, e o do Estado, por outro, fizeram-lhe formular as primeiras leis protectoras.

A familia, tão solidamente constituida no tempo da Republica, corrompeu-se e desaggregou-se desastrosamente durante o imperio romano.

Ao virtuoso Caton succedeu um devasso Cesar.

O *débauche* tornou-se tão abominavel, que o proprio imperador, esse ideal de corrupção e de ignominia, experimentou, no meio dos seus incestuosos prazeres, a necessidade de fallar da virtude.

Do seio d'essa podridão social, não sahiram simplesmente os nojentos parasitas que se chamaram Mario e Sylla, Cesar e Pompeo; brotou mais alguma cousa que concorreu para suster essa torrente assoladora de vicios.

Foi por esse tempo, que se publicaram as leis *Pretonnia*, *Popæa*, *Julia* e *Cornelia*, que foram poderosas alavancas, que serviram para demover a sociedade da apathia enervante em que então jazia.

Bem diz um dos poetas mais colossaes do nosso tempo, que das podridões tambem sahe phosphorocencia. A mulher é protegida na sua pessoa e nos seus bens, o marido não pôde maltratal-a, a lei reprime a tyrannia. Não é o tribunal domestico que resolve as pendencias que podem surgir d'entre os esposos; é o tribunal civil-

A mulher, livre, por lei, da tutela esmagadora do marido, do pae e do agnate, principiou a sorver, a fundos haustos, o exigenio vivificante da liberdade, que ella ha tanto ambicionava, mas que não tardou a arrastal-a pelo execrando caminho da libertinagem e da licenciosidade.

A violação, o *débauche*, o crime e o roubo, são como que a potrilagem, que se destaca d'esse cadaver infecto que se chama Imperio Romano.

Mas ainda assim, a existencia social da mulher é reconhecida. E, quando essa monstruosidade pestilenta foi sufficientemente desinfectada pela moralidade, pela justiça e pelo bem, então se edificaram definitivamente os novos direitos da mulher.

*

* *

Do lado do Oriente, surgiu uma aurora redemptora para a humanidade, que se contorcia debaixo da compressão esmagadora dos grandes potentados da terra.

O grande visionario de ha 19 seculos, pré-gando a liberdade, a egualdade e o amor, operou a maior revolução social, de que ha memoria nos annaes da humanidade.

Mas, se a egualdade que defendeu com toda a força da sua convicção e com todo o arrebatamento d'uma paixão incomparavel, era o communnismo o mais primitivo, o mais barbaro e o mais

brutal, segundo diz Thulié, foi incontestavelmente das mais proficuas e saltares consequencias para a elevação social da mulher, porque a arrancou, pela força magica da sua palavra, ao desprezo e á indifferença a que então era votada, e que lhe valeu o desafiar os odios de toda a aristocracia judaica, que não deixou de o perseguir senão depois de dar o ultimo arranco no ponto mais acuminado do cerro do Calvario.

Mas, apesar de se atufar na cerrada escuridão do occidente da vida, o grande Sol, d'onde irradiaram todas as liberdades sociaes, ficou erguido no cimo do Golgotha, o labaro da fé, attestando ás gerações que lhe roçavam pelo pé, que era deante d'elle, como representante do espirito que se evolou, que se deviam curvar todos os povos da terra.

Da sua doutrina revolucionaria e egualisadora, derivaram ondas de sangue e ondas de luz. Sangue que fez martyres, e luz que fez consciencias. O velho mundo pagão, decrepito e gasto por milhares d'annos de devassidão, cahiu desfeito em pó no cemiterio da historia.

A passagem de Christo pela terra abriu uma nova era nos destinos da humanidade.

A doutrina, prégada por Elle e pelos apóstolos, principalmente por S. Paulo, desfez o obstrucționismo que tinha reduzido a mulher á obnoxia condição de escrava e victima do desprezo geral.

Na sua alma apaixonada e meiga, vibraram

unisonamente, n'uma harmonia sublime, todas as grandes virtudes e todos os nobres sentimentos, que jámais explosiram d'um coração humano.

A mulher, que até então, se revolvia no tremedal d'um despotismo revoltante e era levada á humilhante condição d'um ser degradado, foi abençoada pela doutrina altruista do grande defensor dos seus direitos, e protegida e nobilitada pela intervenção do Christo, que sempre lhe consagrou o mais ardente e desinteressado amor.

A mulher deve-lhe mais, do que a todos os reformadores sociaes que teem trabalhado para a sua emancipação e para o seu engrandecimento.

Foi incontestavelmente o seu melhor protector.

Depois de Jesus, todos os doutores da Egreja a humilharam deante do homem; todos a amaldiçoaram e declararam impudica e diabolica; todos, com S. João Chrysostomo, a accusaram de contaminar o homem pelo casamento. Todos diziam que o celibato era a pureza e a alegria de Deus e que era o unico meio de ganhar a recompensa eterna. S. Jeronymo dizia: «lancem mão do machado e cortem pela raiz a arvore esteril do matrimonio». O proprio S. Paulo, o prégador da egualdade perante Deus, aconselhava o celibato.

Era tal o horror pelo matrimonio que, se a viuva cahisse na tollice de casar segunda vez, era considerada adúltera.

D'este terror pelo casamento e do odio pela mulher, nasceu o convento e o prostíbulo. O

convento, que servia, para a purificar pela oração, pela humilhação e pela esterilidade, e o prostibulo, para a contaminar ao contacto morbido de todos os vicios.

Não obstante esta systematica aversão ao casamento por parte do christianismo, um grande passo se deu para a reabilitação da mulher: foi a sua egualdade ao homem nos destinos sociaes, prégada por Christo e S. Paulo e escripta em todos os codigos dos imperadores christãos.

*

* *

O christianismo, com a sua perniciosa influencia, infiltrou-se atravez de todas as camadas sociaes, inquinando-as d'uma crença subjectiva, que era a sua unica preocupação. Em logar de reformar os costumes e as leis, como eram as aspirações do seu fundador, adoptou os antigos costumes com a antiga corrupção.

A glorificação do celibato alterou profundamente a ideia e o espirito da familia, assim como a preocupação unica da vida eterna anniquilou todo o patriotismo. Não havia mais do que uma patria—o céu. O cidadão não existia.

O mundo catholico, absorvido na contemplação das suas aspirações divinas, dispendia toda a sua actividade em disputas religiosas, naturalmente estereis e muitas vezes comicas, sem attender

á avalanche colossal, que ameaçava esmagal-o em breve trecho.

A invasão dos barbaros, essa tempestade enorme, esse diluvio humano, que arrasou o mundo antigo, marcou um periodo novo na legislação europeia.

No momento da invasão dos barbaros, duas leis reinavam na Europa conhecida. O Meio-dia obedecia á legislação romana, alterada pela influencia do christianismo; o Norte era governado pelas leis germanicas, que, se eram identicas nos grandes traços entre os differentes povos, variavam em alguns detalhes, de tribu para tribu.

Entre os germanicos, a familia é solidamente constituida. A mulher não é desprezada como no Oriente, nem anniquilada e aviltada como na Grecia e Roma; ella é estimada e respeitada pelo marido, que sempre a attende nos seus conselhos e opiniões. Se elle é a força que executa, ella é a intelligencia que illumina.

A monogamia era a lei formal, e, segundo a bella expressão de Tacito—a mulher germanica não tinha senão um marido, como não tinha senão uma vida—. O adulterio era o maior dos crimes, tanto para o marido como para a mulher. Era relativamente livre, acompanhando o marido ás assembleias, á caça e á guerra, e na familia desempenhava um papel importante e definido. Os invasores impunham as suas leis aos vencidos, mas deixavam-se impregnar pelos costumes dos

vencedores, d'onde resultou a fusão hybrida de todos os principios por que se regiam os differentes povos.

No Meio-dia da Europa, a legislação romana reinava absolutamente. Não foi alterada senão pela lei canonica, obra dos concilios, que, importada para o sul da Gaulia e para a Hespanha pelos visigodos, alli dominou por muito tempo. A Italia sómente resistiu á influencia papal e conservou a legislação romana, na sua pureza quasi inteira. Carlos Magno, como todos os fundadores dos grandes imperios, centralisou tudo nas suas mãos poderosas. A constituição da familia germanica, tão rudimentar, mas tão brilhante, desappareceu deante do absolutismo d'este autocrata imperador.

Depois da morte de Carlos Magno, os seus successores não poderam, por fraqueza ou incompetencia, conservar a centralisação do poder, e, como consequencia, os grandes senhores tornaram-se tão absolutos e poderosos como o proprio imperador. D'aqui, a retalhação do grande imperio romano pelas mãos dos potentados, e, como consequencia, o nascimento do feudalismo, com o seu cortejo de horrores e oppressões.

Os homens eram obrigados ao serviço militar, para defender os suzeranos dos seus inimigos ou para lhe alargar a area dos dominios, pela conquista e pelo roubo. A mulher, como não podia combater, era despojada dos seus bens em favor

do *senhor*. O despotismo não fica aqui; o homem, se quizesse casar, tinha de comprar a mulher em hasta publica, e o producto da venda ia cahir nas mãos dos devassos feudaes. Mas a tyrannia do suzerano para a mulher pobre ainda era mais humilhante e mais vergonhosa. Como não podia especular com a sua mão, nem exercer direito de tutella sobre os seus bens, vingava-se no corpo. Chamava-se a este imposto execrando de luxuria, direito de *prelibação*.

Simplesmente abominavel!!!...

Estes abusos violentos e criminosos não podiam continuar. Era preciso que o povo, esmagado pela crueldade e pelo mais feroz despotismo, protestasse em nome da sua força e da força dos seus direitos protrahidos, contra a violencia d'esses monstros, que viviam do seu amor, da sua carne e da sua honra.

Foi o que fez a revolta da communa, a primeira e a mais gloriosa affirmação dos direitos do homem.

Foi a esta indignação popular que a mulher deveu a sua liberdade e o seu direito.

«La femme, diz um escriptor distincto, dans les jours d'oppression et d'abaissement, s'était consolée par l'étude, l'instruction ne tarda pas à dominer l'ignorance et la brutalité, le beau sexe reprit bien vite son influence sur les hommes par sa grâce et le charme de son esprit; l'amour et ses enchantements devinrent à la mode, le sen-

timentalisme le plus éthéré succeda à la rudesse la plus grossière et la plus bestiale. On n'entendit bientôt plus, de par le monde, que les chants romanesques et tendres des troubadours.»

A mulher deixou de ser a escrava do marido, como na antiga Roma, para ser a esposa dedicada, amante e fiel.

O bom senso popular tinha implantado a igualdade sexual.

Os reis, vendo o que o povo tinha feito aos feudaes pela revolução, receiosos de que lhe acontecesse o mesmo, trataram de decretar leis tendentes a unificar os costumes e a melhorar as condições da vida social dos seus subditos, mas reservando para si um certo numero de prerogativas, que os punham a coberto de qualquer eventualidade. Era a tendencia manifesta para a centralisação real.

Com effeito, as leis germanicas, o direito romano e canonico, refundiram-se n'uma só legislação; e, d'esta ligação hybrida, de elementos heterogeneos, resultou o desprestigio da mulher e o falseamento de todos os principios que se tinham estabelecido para a constituição da familia. Mas, como, pela lei canonica, a mulher impura não tinha direito a approximar-se do altar que tinha manchado, ella, a cumplice da serpente, ella, a causa do primeiro peccado, foi amaldiçoada pela nova lei, e posta em tutella, por causa da sua *impureza*.

Postergada pelos magnates da politica, envelhecida pelos apóstolos da cruz, não podendo ter coração, nem intelligencia, nem direitos, foi povoar os conventos e implorar o perdão d'um Deus injusto, por faltas que não tinha commetido.

Fanatica d'uma religião, que sempre a perseguiu!

A corrupção e a immoralidade lavravam profundamente no seio da sociedade, prevertida pelos costumes devassos d'uma realza decadente.

Foi preciso que a Revolução viesse pôr um dique a essa torrente de protervias. E assim o fez, pelas leis de 15 e 18 d'abril de 1791, epocha em que foi proclamada a egualdade civil do homem e da mulher perante a familia e a sociedade.

Verdade é que essa liberdade foi falseada na codificação do casamento, mas o principio ficou e tornar-se-ha o ponto de partida da moderna legislação, que não será já estabelecida sobre a tradição, mas sim sobre o estudo physiologico e sociologico da humanidade.

Pelo rapido resumo que acabamos de fazer da evolução social da mulher, se vê que, desde as edades mais afastadas, a sua emancipação seguiu uma linha oscillatoria, por vezes de curvas muito irregulares, mas sempre ascendente. E, se é certo que foi o homem que a reduziu ao estado objecto dos primeiros tempos, foi tambem elle

que a levantou á estima, ao respeito e á consideração publica.

A sua marcha progressiva foi constante, porque é o **interesse** do homem que a determina: nas primeiras edades, o interesse do individuo, no estado patriarchal, o interesse da familia, na sociedade organisada, o interesse do Estado.

Educação da mulher

A MULHER, depois de ter arrastado humilde e corajosamente uma vida de sacrificios e opprobrios atravez de mil gerações, resgatou-se no altar da consciencia humana, á luz purissima da philosophia moderna.

O seu progresso moral e a sua emancipação social caminhavam vagarosa e lentamente pela longa estrada dos tempos, até que um punhado de heroes, de musculatura rija e cerebro scintillante, operara a maior derrocada social que presenciou o seculo passado. Foi preciso que Diderot, Voltaire, Montesquieu, Robespierre, Oudot e Bar, essa constellação genial da revolução franceza, estalasse os duros grilhões que prendiam a mulher ao menoscabo e á desconsideração publica.

«Referindo-nos ao primeiro projecto do Código Civil, diz Louis Fiaux, apresentado á Convenção Nacional em nome do *Comité* de Legislação de 9 de agosto de 1793, nós veremos com que segurança e profundeza de vistas, com que rigorosa e scientifica interpretação do direito natural, os homens da Revolução comprehendiam as relações do homem e da mulher.»

Podíamos levar muito longe a enumeração das disposições leaes, exaradas no Código Civil da Primeira Republica, com referencia á mulher e á constituição da familia, mas nem na indole d'este trabalho, nem na epigraphe d'este capitulo, quadra bem um estudo d'essa natureza; por isso passaremos a fazer rapidamente algumas considerações a respeito do papel que a mulher deve desempenhar n'este convivio social.

Mas antes de entrar verdadeiramente no assumpto que tentamos discutir aqui, seja-nos permittido engastar-lhe alguns diamantes tão finamente burilados por dous escriptores, que ainda hoje admiramos no relampejar do genio que nem o tumulo escondeu. Se um d'elles enriqueceu a litteratura do seu paiz com as producções fulgurantes do seu talento e a quem a mulher deve os florões mais brilhantes do seu estylo, o outro, que é nosso, subindo ao pantheon da gloria n'uma apotheose nacional, deixou atraz de si um sulco de luz, que jámais o tempo apagará.

Seja-nos licito, portanto, honrar estas paginas

com a prosa d'estes soberbos escriptores e com os sentimentos d'estes nobilissimos coraçãoes.

Diz o illustre tribuno Dr. Oliveira Bello, referindo-se á influencia da mulher na sociedade: «O nosso principio e o nosso fim, a causa que nos gerou, o amor que nos embalou o berço, o conselho que nos dirige, os olhos que nos choram, os labios que nos sorriem, a força que nos alenta, a fraqueza que nos vence, os braços que nos amparam, a inspiração que nos abraza, o sonho que nos seduz, a felicidade que nos delicia, a alegria que nos faz rir, o riso das nossas lagrimas, a luz do nosso ceu, a estrella da nossa peregrinação, a lagrima das nossas dôres, o eterno cypreste do nosso sepulcho, é a mulher: mãe, esposa, donzella, triplice radiação do mesmo astro, cuja luz Deus faz rolar d'anjo a anjo na hierarchia dos mundos até vir cair e expandir-se n'esse horisonte sublime da vida moral, o coração feminino.»

Digam-me se é possivel descrever com mais elegancia, em prosa tão concisa e com taes imagens, o papel da mulher perante o seu destino social.

Se Alexandre Herculano não tem tão rendilhado estylo, é, pelo menos, adoravel quando se refere á mulher nas seguintes palavras: «Dae ás paixões todo o ardor que puderdes, aos prazeres mil vezes mais intensidade, aos sentidos a maxima energia, e convertei o mundo em paraiso, mas tirae d'elle a mulher, e o mundo será um

ermo melancolico; os deleites apenas o preludio do tedio.»

Mas, se ella é a fonte perenne d'onde emana a seiva que ha-de alimentar todo o organismo social para se traduzir em flores e fructos, transformando o mundo n'um paraizo, tambem pode ser a força que nos impelle pelo pendor escorregadio da desgraça. E' preciso que ella se compenetre intimamente da sua missão imposta pela fatalidade da sua organização e pelos interesses da sociedade, e que nós nos convençamos tambem de que é por a mulher principalmente que o nivel moral d'um paiz se levanta.

Mas, sendo assim como realmente é, qual será o meio de que nos servimos para conseguirmos que ella possa comprehender o alcance da sua espinhosa e ardua tarefa?

Pela instrucção amoldada ás suas necessidades e á sua missão.

E' pela comprehensão legitima e pela satisfação consciente dos seus deveres e obrigações, que a mulher se impõe á consideração e estima de todos. E' pela illustração e pela orientação racional da sua actividade psychica, que ella se desvia dos escuros meandros que vão dar ás profundezas do abysmo, onde fermenta o vicio, a deshonra e a fome, para se dirigir pela estrada recta do dever. E' pelo esmerado cultivo intellectual e pela educação sabiamente traçada, que ella se põe á altura de desempenhar completa-

mente o seu papel de filha, esposa e mãe. *Toute femme que sa mère n'a pas élevée, n'aimerat pas à élever ses enfants*, diz Jean Jacques Rousseau.

Felizmente, vão já bem longe os tempos em que os proceres d'uma aristocracia despotica algemavam a consciencia dos povos ao potro da ignorancia; hoje o sol fecundante do progresso, dilatando-se em amplas ondas de luz atravez de todos os continentes, espancou d'uma vez para sempre as cerradas trevas, que envolviam a humanidade como uma enormissima mortalha. Foi no seu ventre, que germinou a semente que havia de produzir a arvore colossal da justiça, do direito e da egualdade e cujos opulentos braços se estenderam por cima de todos os povos civilizados.

Pois bem; n'este reinado de luz, ainda ha muitos cerebros rachiticos, que, obedecendo a preconceitos tradicionaes, querem conservar a mulher na atra e fria ignorancia, porque julgam elles que o desenvolvimento das suas faculdades intellectuaes é para ellas um convite ás tristes aberrações que deslustram o seu sexo. O que é vergonhoso e ridiculo é, que não é só o povo ignorante dos campos que assim pensa, mas uma grande parte da sociedade pseudo-illustrada.

«A ignorancia, diz D. Maria A. Vaz de Carvalho, nunca salvou uma só mulher e se os desequilibrios fataes da imaginação teem perdido algumas, é isso devido ainda ao mesmo desgra-

çado factor, quer dizer, á pessima interpretação que até hoje se tem dado á educação e aos deveres da mulher.»

A instrucção não é só a armadura de bronze onde se veem quebrar as settas hervadas com que os Tenorios d'hoje costumam ferir a reputação das simples, é tambem a força que as domina contra as suas paixões e contra as suas fraquezas e que lhes refreia os fogosos desejos que lhes refervem na alma.

Emfim, é preciso que ellas conheçam bem todas as encruzilhadas onde costumam esconder-se os salteadores da honra. E' preciso que a mulher se saiba equilibrar mesmo na aresta do abysmo. E' preciso, emfim, que ella seja illustrada e livre, para fazer uma acertada escolha d'aquelle com quem tem de viver toda a vida.

«Il ne resulte pas de la nature et de la destinée femenines, diz mad. Andrée Léo, q'une femme doive être mère avant d'être formée d'esprit et de corps. Il est de sa destinée comme de celle de tout être humain, de savoir ce qu'elle fait, à quoi elle s'engage de stipuler pour elle même en tout cannaissance, en tout liberté, d'être capable enfin des devoirs qu'elle embrasse.»

Francamente, nós não queremos que ella saiba resolver os intrincados problemas economicos e financeiros, para cuja solução é preciso muitas vezes um enorme capital de sciencia e se gastam rios de paciencia, mas sim que saiba resolver os

problemas d'economia domestica, de cuja solução depende a felicidade e prosperidade do *ménage*. Nós não queremos que, no furor d'uma rhetorica apaixonada, faça pedaços as carteiras parlamentares ou constelle a reputação do inimigo politico de epithetos ignobeis e baixos; mas sim que saiba, por conselhos prudentes e sãos, orientar a intelligencia dos filhos, de maneira a tornal-os cidadãos prestadios, nobres e honrados.

Pois haverá missão mais alevantada e sympathica do que a da mulher, quando cumpre todos os encargos que estão inherentes á sua qualidade de mãe?

Por certo que não. Nós não queremos que ella saiba arrastar as massas populares no redemoinho da sua eloquencia demosthenica, ou apertal-as e sustel-as na cintura d'aço da sua argumentação, quando a desordem as agite; mas sim que saiba ter palavras de conforto e de resignação para o marido, quando o desalento lhe gelar a alma; mas sim que o anime e console pela caricia e pelo amor; quando os desgostos e os reveses da vida lhe envenenarem o sangue; mas sim que saiba chorar com elle nas horas da dôr e alegrar-se nos momentos de jubilo.

O seu destino não é defender um réu, atacar uma doença ou levantar a planta d'um edificio; é mais nobre: é ser filha obediente, nutrir e educar os filhos, amar e respeitar o esposo.

Se o coração da mulher é uma urna de lagri-

mas e confortos, diz Michelet, saiba regar as nossas dôres com as suas lagrimas e animar-nos com os seus confortos.

*

* *

Assente que seja que a mulher em qualquer plano social que se encontre, deva ser sufficientemente instruida para attingir o escôpo do seu destino physiologico e social, vejamos qual o programma a seguir para a realisação completa da sua missão.

Ainda hoje, o mysticismo religioso, desdobrando o seu crepe funerario por sobre a consciencia popular, a furta ás verdades scientificas que o nosso seculo descobriu, para apenas lhe deixar entrever atravez das suas malhas, por o telescopio da fé, as auroras boreaes que os allucinados metaphysicos fazem despontar para além do tumulo.

A grande massa do nosso povo, fanatisado pelos prégadores do Evangelho, despreza todos os processos racionaes de educação, para cuidar apenas em dar á sua alma direito a ter ingresso no reino dos eleitos. Ainda hoje, infelizmente, o ensinamento religioso domina toda a instrucção dada ás filhas, e, desde a idade das primeiras noções até ao seu estado de mulheres, ellas não teem outras lições senão a tradicção religiosa

atravez da qual lhes fazem ver todos os factos da natureza e da historia.

Enche-se-lhes o cerebro de contos, lendas e mysterios, em logar de o enriquecer com noções positivas, reaes, necessarias e uteis. Manda-se-lhes ler o *Flos Sanctorum*, mas não se lhes ensina a soletrar a grande biblia da natureza, onde o Creador escreveu, em caracteres indeleveis, as leis que regulam o movimento da materia. Conta-se-lhes a historia d'um rio que corre para a nascente, d'um mar que secca para não molhar as sandalias do povo israelita, d'uma rocha que distilla agua ao toque d'uma vara magica, de santos que atravessam impunemente n'uns pés *nauticos* a superficie dos oceanos, com a mesma facilidade e intrepidez com que Spelterini passa por cima do Niagara, d'uns feixes que escutam a voz d'um prégador, d'um sol que pára á voz d'um mortal, de muralhas que se aluem, sem que a voz d'uma metralhadora as intime. Como estes, muitos absurdos mais.

A educação religiosa, exclusiva, é como que a ferrugem que desgasta as molas da razão. Regeitamos-a tal como se pratica hoje no lar e na escola, sem comtudo a excluirmos da educação normal, porque se comprehende bem que é indispensavel para o equilibrio social.

A educação deve dar á mulher conhecimentos que lhe sirvam nas suas funcções organo-sociaes. Ora, como a sua funcção organica é a materni-

dade e as suas funções sociaes são a educação physica, moral e intellectual dos filhos, dirigir os negocios domesticos e ser companheira amante e fiel, é n'este sentido que se deve orientar a educação da mulher.

Se ella estiver perfeitamente preparada para a realisação completa d'esta triplice tarefa, concorrerá poderosamente para a prosperidade e felicidade da nação.

Nada mais facil na verdade, em logar de a ensinarem a dançar, *prenda* tão inutil quanto prejudicial, porque é d'ella que muitas vezes vem a sua ruina physica e moral, ensinem-se-lhes as regras d'hygiene infantil e os processos da moderna educação, para que, na comprehensão dos seus deveres, ella possa dar á sociedade productos de musculatura valente e intellecto são. E' claro que a danza como processo gymnastico, para o desenvolvimento physico é extremamente util e até indispensavel, mas a maior parte das mulheres, senão a totalidade, não a consideram assim. Aprendem a polkar e a walsar simplesmente para terem occasião de exhibir a sua elegancia feita á custa de espartilhos e fivelas, e, o que é mais vergonhoso, para n'um decote baixo mostrarem, n'umas palpitações luxuriosas, os seios empoados a desafiarem a phrase grosseira de qualquer cavalheiro atrevido.

Ora digam-me se isto é moralidade?

Demais, n'aquella atmospheria desoxygenada

e morna, quantas doenças se não contraem e quantas tolices se não ouvem?

Emfim, nós reprovamos os bailes a todas as mulheres que presam a sua saúde e o seu nome.

Em lugar de aprender grego, allemão, geometria, medicina e direito, ensine-se-lhes antes praticamente como se devem dirigir os trabalhos culinarios, para que, quando seja necessario, não se vejam em embarços e difficuldades. Ensinem-se-lhes antes todas as prendas que são indispensaveis e exigidas a uma boa dona de casa. Esta educação é de consequencias mais uteis e de resultados mais positivos.

Ha-de imaginar-se talvez que queremos reduzir a mulher á simples condição de costureira e cosinheira. Deus me livre, muito longe d'isso; o que queriamos era que ao lado da mulher que conhecesse todos os progressos das sciencias e das artes, estivesse a governanta que trata e cuida dos interesses e da prosperidade do *ménage*.

E' assim que comprehendemos a educação da mulher, muito embora ella leia Mad. de Sevigné sem se aborrecer, ou ouça uma tragedia de Racine sem lhe dar o somno, como diz Paul Janet.

Nós desejamos que a mulher aprenda linguas, mas simplesmente para poder conhecer as bellezas que se encontram disseminadas por tantos auctores classicos e não por ostentação e por luxo, como acontece, no geral. Nós desejamos que ella se instrua pelo estudo de livros scientificos e lit-

terarios, mas não pela dos romances urdidos pela imaginação d'um escriptor insciente e onde apenas encontra a descripção phantastica d'uma noite caliginosa de inverno, d'uma madrugada cheia de arreboes e clarões magneticos, d'umas scenas d'amor á luz fria da lua, d'uma tragedia de ciume n'um caramanchão d'um parque e d'uma scena de sangue pela calada d'uma noute de tempestade.

O que é verdade é que da leitura d'estas publicações baratas apenas conseguem ficar com noções falsas e prejudiciaes e uma diminuta cópia de phrases *bonitas*, que apenas servem para a comprometter na conversação com pessoas instruidas. E' do romance que vem muitas vezes a ruina da mulher e a desgraça da familia.

E' preciso que os paes exerçam uma fiscalisação rigorosa na escolha dos livros que entregarem á leitura das filhas.

A não ser assim, continuaremos n'este *dulce far niente* d'uma ignorancia crassa de todas as coisas uteis e n'uma perversão manifesta de todos os sentimentos nobres, que devem engrinaldar a reputação da mulher.

Emquanto á sua educação artistica, apenas diremos que desejavamos que, ao entrar no templo sagrado da arte, ella se extasiasse, n'uma concentração esthetica, deante da inspiração e do genio, exteriorisados nos quadros immortaes de Rubens, Raphael, Miguel Angelo, Vinci, Corregge,

Goujon e Poussin; que sentisse o fremito do entusiasmo, quando as composições divinas de Beethoven, Mayerber, Rossini, Wagner, Verdi e Choppin, lhe cahirem na alma como uma chuva de esmeraldas; mas que attenda tambem para as côres com que o pincel do dever pintou o quadro da familia, mas que sinta o effluvio sublime que se evola da doce harmonia do lar.

Era parecer nosso, que a mulher, no intervalo das suas occupações domesticas, em lugar de estar á janella com o ouvido attento ao escandalo e o olhar fito na *toilette* da senhora que passa, para fazer a critica á sua elegancia e á modista, estivesse antes, no seu gabinete de estudo, a pintar uma paizagem ou, na sala do piano, a estudar um nocturno de Choppin.

Assim educada, estaria a mulher apta para entrar desafoçada e conscienciosamente nas multiphas obrigações a que tem de satisfazer como filha, esposa e mãe.

Abraçamos completamente a opinião do talentoso sociologista inglez Herbert Spencer, quando diz: «Si les femmes comprenaient tout ce qu'embrasse la sphère da la vie domestique, elles ne reclameraient pas d'autre. Si elles savaient tout ce que suppose la bonne education des enfants, dont aucun homme et encore moins aucune femme n'a encore embrassé le sens tout entier, elles ne chercheraient pas de plus hautes fonctions.»

Se ella cumprisse á risca o programma de

educação, traçado por este grande reformador social, concorreria poderosamente para a felicidade domestica, para a prosperidade do paiz e para a perfectibilidade da raça. Tudo isto se conseguiria, se os governos olhassem a sério para a instrução nacional e os paes comprehendessem que o melhor patrimonio que podem dar ás filhas, é uma educação dirigida segundo as necessidades das suas funcções organicas e sociaes.

Fecharemos este capitulo com o dizer sincero d'um dos mais estrenuos defensores dos direitos e da educação da mulher, Thulié: «De même qu'il faut dresser l'homme à la lutte pour l'existence, de même il faut élever la femme pour la direction du ménage, la maternité et l'éducation de l'enfant. Ne pas faire des doctresses, des ingenieures, des astronomes, mais des épouses armées, et des mères instruites et aimantes, voilà le but a poursuivre et á atteindre.»

O casamento

O MARINHEIRO, collocado na vastissima superficie das aguas, deixaria correr a nau á mercê do vento e das ondas, se não tivesse no firmamento um ponto luminoso, que o orientasse na derrota que deve seguir para attingir o porto desejado.

Assim como para o nautico, esse ponto é a bussola da noite, para nós, navegantes d'este mar da vida, a mulher é a nossa estrella polar.

E' ella que nos incita, alenta e anima, para não enfraquecermos n'este labutar constante da lucta pela existencia. Realmente, se n'este longo peregrinar não tivéssemos um coração que batesse ao pé do nosso, uma alma que se unisse á nossa pelos laços do amor acrisolado e puro, um pulso que trabalhasse synergicamente com o nosso, de-

baixo da mesma vontade, finalmente, uma existencia que se fundisse na nossa á chamma da dedicação, da estima e do affecto, teriamos de nos sentarmos cançados á beira da estrada, por a força e a coragem nos faltarem para proseguir viagem.

O isolamento é uma das maiores dôres na vida social; é aborrecimento que entorpece, é *spleen* que mata.

O homem isolado é como o roble gigantesco da floresta, a quem a mão inclemente do homem roubou os seus companheiros dedicados, que unisonamente se uniam para a defesa de todos, na lucta contra os vendavaes, e que, hoje vegetando ermo, solitario no desabrigado do cerro, suspira dolorosamente pelos seus irmãos cahidos, quando a rajada do tufão, roçando-lhe pela coma, lhe faz estalar, uma a uma, as fibras do seu tronco.

Apenas vivem na solidão d'uma crença vaga e indefinida os mysticos ascetas, que fogem do conflicto social, aonde todos trabalham na grande officina do progresso, para o silencio do deserto, aonde estiolam á sombra d'um ideal, que desconhecem. Mas esses não pertencem ao mundo dos vivos.

E' claro, pois, que, n'esta curta, mas espinhosa, travessia da existencia, precisamos de ter ao nosso lado um braço dedicado e amigo que nos ampare e sustente, quando estivermos prestes a escorregar pela rampa do abysmo, um coração leal

e generoso, uma alma esclarecida e nobre, que nos ensine a ter paciência e coragem, resignação e conforto, quando os revezes nos prostaram n'um torpido desalento.

Só a mulher, pela sua organização especial, pela dedicação apaixonada, que é a sua principal característica, pelos seus sentimentos delicados, pela sua imaginação viva e fértil e pelo seu amor imperecível, é que pôde ser a nossa companheira eterna n'estes alcantilados pedregões da vida.

E' pela união dos dois sexos, legalizada pelo casamento, que o homem se nobilita, que a família se fórma e que a sociedade progride. «Antes do casamento, diz Garnier, ha um homem e uma mulher, distinguindo-se o primeiro pela força da sua intelligencia e o segundo pelo poder da sua sensibilidade. Depois do casamento, ha o ser humano resumindo na sua unidade todos os poderes que se encontram separados em cada metade; a intelligencia, embellezada pela sensibilidade e a sensibilidade, fecundada pela intelligencia».

O casamento não é mais do que a união de duas existencias, approximadas pela affinidade do amor, existencias, cuja fusão creou a vida de uma geração nova.

Mas, para que esta instituição, base de todo o progresso moral e material d'uma nação, seja de resultados proficuos e incontestaveis, é preciso

que os contrahentes, antes de se unirem pelos laços indissolúveis do matrimonio, se estudem, se avaliem e, principalmente, se amem.

«O amor, diz Michelet, na sua phrase elegante, é o mediador do mundo e o redemptor de todas as raças humanas. Quem diz amor, diz a paz, a concordia e a unidade».

O philosopho Charles Secretan diz tambem: «O leito é sagrado, a união dos sexos é um sacramento, quando se completa no amor; fóra do amor é mentira e sacrilegio. Possuir o que se ama e amar o que se possui, mas amal-o verdadeiramente, e por consequencia, respeitá-o com uma veneração sincera, que embriague os sentidos e que a calma dos sentidos não abaixe, é a immutabilidade n'uma hora, um som cujo echo se prolongará atravez dos annos, um relampago que illumina sempre.»

Mas infelizmente, para attestar a nossa decadencia moral, os ignominiosos exploradores do dote, rastejando como uma serpente abyssinia por cima d'um lodaçal immundo, enroscam-se á mulher que venceram, pela mentira e por fementidas promessas, para lhe beberem todo o sangue das suas arterias e engulirem todo o ouro do seu thesouro, e depois irem apodrecer miseravelmente no monturo do concubinato.

Quando a mulher imagina que o casamento lhe vae abrir largos horisontes, banhados pela luz da felicidade, encontra o estridor da tempestade,

d'onde se desprendem os raios que lhe vêm ferir a alma como um desengano fatal.

E' preciso que ella saiba conhecer esses cogumellos venenosos, que vegetam na estrumeira social, para se não deixar intoxicar por elles, porque d'esse conhecimento resulta a sua felicidade, a harmonia do lar e o bem da humanidade.

E' por isso que é indispensavel que, quando a razão da mulher estiver obcecada pela paixão, os mais interessados na sua felicidade a dirijam pela admoestação branda e pelo conselho prudente, mas nunca pela coacção e pela violencia, porque são sempre de resultados contraproducentes.

Verdade é que eu protesto, com todo o arsenal dos meus conhecimentos sociologicos e com toda a força da minha razão, contra a imposição despotica e, por vezes, brutal de muitos paes, que, embrulhados em pergaminhos, que ainda tem o cheiro da tinta da machina, só veem, no *delirio da nobreza*, a felicidade das filhas nas *uniões titulares*: ou então, egoistas do dinheiro e escravos do metal, considerando o casamento á luz coruscante das pilhas de esterlinas, como um contracto commercial e uma operação rendosa, impõem ás filhas a humilhante obrigação de trazerem para casa um visconde libertino ou um brasileiro obeso e estúpido.

De que deriva isto? D'esta corrente manifesta de se considerar a Bolsa, como a grande mola

da civilisação e do progresso, e da tendencia geral para se constellarem com os falsos ouropeis d'uma consideração, decretada pela indulgencia d'um governo que quer fazer do paiz um barracão de palhaços, crivados de commendas; o que acontece é que estes grotescos paspalhões não teem senão visões mirambolescas de gloria, e não pensam senão em si e nas suas veneras, descuidando a educação da familia e seu interesse, que devia ser a sua unica preocupação: quando desejam casar as filhas, apenas procuram um marido que esteja nas mesmas condições d'espírito, de relações sociaes e fortuna que elles. D'aqui, as consequencias desastrosas d'estes casamentos. Não se lembram que a felicidade conjugal não está no ouro nem nos titulos, mas sim no cumprimento regular e livre dos deveres inherentes á sua condição e na paz e harmonia domesticas. Se tivessem uma intuição clara do que deve ser o casamento, não haveria tantos repudios vergonhosos e tantos *adulterios moraes*, como chama Elias Regnault ás desintelligencias dos casados. Para que este inconveniente se cortasse para sempre, eu partilho e abraço a opinião de Secretan a respeito dos dotes das filhas, que é d'um alcance de vistas extraordinario, e que, se fosse actualmente exequivel, teria muito a lucrar a familia e a especie.

Diz o illustre sociologista: «a liberdade e a dignidade da mulher e o progresso das gerações

futuras seriam interessados em que as filhas não fossem dotadas e não herdassem senão uma pensão, e sómente durante o celibato.

«D'esta maneira cessariam as homenagens servis dos exploradores do dote.

«Os casamentos d'amor, os unicos d'onde pôde nascer uma geração robusta, cessariam de ser uma imperceptivel e problematica excepção.

«As mais bellas, as melhores dotadas, as mais robustas, seriam as primeiras chamadas aos cuidados da maternidade; os bens, conquistados pela energia viril, seriam conservados pela sollicitude, e o luxo pueril em que se absorve uma tão grande parte do trabalho da humanidade, seria reprimido pelo bom senso das mulheres, chamadas a dar *o tom*; o sangue das raças futuras seria mais vermelho, e a sua actividade mais fecunda.»

D'esta maneira, o casamento deixaria de ser uma especulação ignobil, para se tornar uma garantia incontestavel da prosperidade nacional e da felicidade nupcial.

Os paes seriam mais sollicitos em dar ás filhas uma instrucção mais completa e solida, e ellas, por sua parte, empenhar-se-iam em dar todo o desenvolvimento á sua educação physica, intellectual e moral.

As mais robustas, as mais formosas e as mais illustradas, seriam as preferidas para o matrimonio, e, em breve trecho, teriamos, segundo as

leis da hereditariedade, o mundo povoado de Undinas e Amazonas, de Adonis e Hercules.

Deixaria o homem, movido simplesmente pelo interesse, de procurar mulher que não pôde ser nem mãe nem esposa: era o triumpho da raça e o reinado do amor.

Feitas estas breves considerações sobre casamento, passaremos a enumerar rapidamente as vantagens que d'elle resultam, reservando um capítulo especial para apontarmos as contra-indicações.

*

* *

Da união dos dois sexos differentes resulta, como consequencia natural, um novo ser, que é como que uma alvorada, que desponta no horizonte da familia e que vem inundar de alegria e de esperanças a existencia dos geradores.

E' esse pequeno botão, sahido do amor conjugal, que ha de ser o centro de todos os cuidados e de todas as vigilancias, por parte dos paes, para mais tarde desabrochar em viçosa flôr, odorante de felicidade e de paz.

E' claro que me refiro aqui sómente aos filhos nascidos da união matrimonial e não áquelles que, como diz o poeta das *Blasphemias*,

.....on est fils du hasard qui lança
un spermatozoïde aveugle dans l'ovaire,

porque esses, filhos simplesmente do appetite e da deshonra, são amaldiçoados, ao nascer, pela mãe, que vê n'elles a sua irremediavel perdição, e desconhecidos e abandonados pelo pae que os fez.

A mãe, não podendo supportar o peso da deshonra, os encargos da maternidade, a gargalhada affrontosa dos cynicos, o ludibrio do amante e o desprezo da familia, atira com o filho ao exgôto, e ella vae expiar a *innocencia* do seu crime, ou no fundo da masmorra, ou no antro de um prostibulo, enquanto que o duplo criminoso, o assassino da mãe e do filho, fica impune e livre e, talvez, orgulhoso da sua infamia.

E' preciso que as nossas leis sejam inexoraveis para com esta especie de criminosos e que os persiga implacavelmente para não proseguirem na sua obra demolidora.

E'-se severo e inclemente para quem muitas vezes rouba para matar a fome aos filhos, e não se ha de ser para quem rouba a paz d'uma familia e a reputação d'uma mulher?

E' claro que isto é uma injustiça flagrante e repugnante.

A ordem social é estabelecida sobre o principio da responsabilidade; porque se não estabelecerá o principio da responsabilidade genetica?

Se pae e mãe concorrem para a existencia do filho, porque é que não hão de ser ambos responsaveis?

Se assim fosse, ganharia a moralidade publica e augmentaria a riqueza nacional, pelo numero de cidadãos.

São d'uma eloquencia atterradora os algarismos das estatisticas de Bertillon, com referencia á relação entre a morte dos filhos legitimos e illegitimos.

Diz Bertillon: «em 1:000 nascimentos, os filhos legitimos teem na primeira semana 35,12 probabilidades de morte, os illegitimos 63; no 1.º mez, os filhos legitimos tem 74,7 probalidades de morte e os illegitimos 170; no 1.º anno, os filhos legitimos tem 175 probabilidades de morte, e os illegitimos 337.»

De que resulta isto? De que os filhos de matrimonios são cuidadosamente tratados, vigiados e protegidos, emquanto que os outros, entregues simplesmente aos cuidados das mães, cheias de privações e necessidades, morrem á fome ou ao desamparo.

Mas a influencia benefica do casamento não se faz sentir sómente na natalidade; é tambem sobre a sua educação.

Os filhos illegitimos são entregues aos cuidados da mãe, que mal tempo tem para os nutrir defeituosamente com o producto dos seus sacrificios, (e quantas vezes esse alimento não é feito de lagrimas e remorsos), ou então, confiados á vigilancia exclusiva do Estado, elles recebem, n'uma

obediencia automatica, uma educação incompleta, sem affectos nem carinhos.

São como que pequenos leões, que se movem á voz d'um Seeth.

Permitta-se-me que eu faça aqui uma leve referencia á assistencia nacional ás creanças abandonadas e expostas.

Os hospicios dos expostos, fundados pela virtude mais nobre—a caridade, onde a creança vae encontrar agasalho e vida, são instituições muito sympathicas no seu fundo, mas detestaveis nas suas consequencias, porque fazem engrossar poderosamente a fileira das mulheres prostituidas.

Não seria antes conveniente que, em lugar de se crearem estes estabelecimentos piedosos, se tratasse, por todos os meios, de descobrir quem eram os auctores da creança e obrigarem-nos a sustental-a? Creio que sim, porque, d'esta maneira, haveria mais cautella, da parte das mulheres, em se expõem ás contingencias d'uma noite de prazer, e augmentaria o numero dos casamentos e diminuiria o d'essas desgraçadas, que negociam a sua honra.

Os filhos legitimos, esses, não definham physica, intellectual e moralmente; tem a envolvel-os e a aquecel-os o amor da mãe, e a dirigil-os e a fortifical-os a energia do pae.

A ternura d'um desenvolve-lhe a sua aptidão á sensibilidade, o poder do outro lhe dá a noção da vontade, da força e da responsabilidade; um

educa-lhe o coração e adorna-lhe o espirito, o outro dá-lhe as noções fortificantes do trabalho, ensina-o a lutar e ensina-o a vencer.

D'aqui resulta que só no casamento é que a creança, *esse beijo da alvorada*, encontra o pão que nutre, o exemplo que instrue, e a lição que vivifica.

As vantagens indiscutíveis do casamento não se reflectem sómente sobre os homens do futuro, esse povo de creanças, onde se vae recrutar mais tarde o soldado que defende a patria, o politico que a dirige, o sabio que a immortalisa e o trabalhador que a nutre.

Reflecte-se tambem sobre a propria vida dos geradores, dando-lhe mais dias d'existencia.

Os demographistas modernos demonstraram peremptoriamente, pela voz eloquente das suas estatisticas trabalhosamente confeccionadas, que o estado conjugal, ao passo que prolonga a duração média da vida, tem uma acção das mais benéficas e salutaes sobre a criminalidade, alienação mental e tendencia ao suicidio.

Na impossibilidade de apprehendermos um estudo d'este genero com referencia ao nosso paiz, por nos faltarem os dados estatisticos que nos deveriam servir de base a esse trabalho, daremos, em resumo, o resultado das investigações dos illustres demographistas Casper, Stark, Bertillon, apresentado por Garnier no seu livro sobre *Casamentos*.

A influencia do casamento sobre a mortalidade é bem manifesta no seguinte quadro, apresentado por Casper, de Berlim:

De 100 individuos morrem:

	CELIBATARIOS		CASADOS	
	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
De 20 a 30 annos....	43,1	26,5	3,6	4,7
De 30 a 45 annos....	27,1	24,5	17,9	16,5
De 45 a 60 annos....	15,6	19,2	29,2	22,6
De 60 a 70 annos....	8,1	13	22	22,3
De 70 a 80 annos....	4,3	11,6	19,4	22,9
De 80 a 20 annos....	1,4	4,1	7	9,6
De 90 a 100 annos...	»	0,7	0,8	1,2

A enorme differença a favor dos casados de 20 a 45 annos explica como os celibatarios, cujas fileiras são devastadas durante essa idade, a adquirem em seguida até aos 80 annos, se bem que os casados tenham ainda a vantagem, depois de chegarem aos limites extremos da vida.

Estudada na Escossia durante 9 annos consecutivos por M. J. Stark, esta feliz influencia do casamento resulta egualmente das cifras officiaes seguintes:

Sobre 100:000 individuos morrem:

	Casados	Celibatarios
De 20 a 25 annos.....	597	1:174
De 25 a 30 annos.....	865	1:369
De 30 a 35 annos.....	907	1:475
De 40 a 45 annos.....	1:238	1:689
De 60 a 65 annos.....	3:385	4:210
De 65 a 70 annos.....	8:055	10:143
De 80 a 85 annos.....	17:400	19:688

A duração média da vida é assim augmentada. De 59,5 annos para os homens casados, não foi senão de 40 para os celibatarios.

Ha, pois, uma probabilidade dos primeiros viverem 19 annos a mais que os segundos.

As averiguações de Bertillon, feitas em Belgica, França e Hollanda, teem confirmado esta longevidade pelas proporções seguintes:

Em 1:000 homens morrem:

	Casados	Celibatarios	Viuvos
De 25 a 30 annos.....	6	10	22
De 30 a 35 annos.....	7	11,5	19
De 35 a 40 annos.....	7,5	13,0	17,5

A vantagem não é tão notavel para as mulheres, como se pôde comprehender d'antemão pelos perigos que traz o parto e as doenças que d'elle resultam.

E' prejudicial antes dos 25 annos, em França, e 20, em Paris, segundo a mortalidade seguinte.

De mil mulheres morrem:

	Casadas	Solteiras
De 15 a 20 annos.....	11,86	7,53
De 20 a 25 annos.....	9,92	8,32
De 30 a 35 annos.....	9,0	11,0

Por esta união, conclue Garnier, o homem accrescenta 5 annos á sua existencia e a mulher 4.»

Onde está a razão d'esta tão salutar influencia do casamento sobre a longevidade?

Certamente não será preciso recorrer a grandes esforços de intelligencia e ter um grande fundo de erudição para vêr claramente, á luz pura da razão, onde estão as causas que determinam tão beneficos resultados.

Basta saber que, quando o casamento se realisa, debaixo das prescripções das regras da hygiene e em condições de moralidade, é elle a paz e o socego do espirito, tão indispensavel para o equilibrio physiologico, é o trabalho e a lucta que dynamisa o systema muscular, é a satisfação ordenada das necessidades e appetites, regularizando toda a funcionabilidade organica, é, finalmente, a alegria, a esperança, o sonho e o amor, que rodeiam a familia, n'uma photosphera de luz.

E' sabido por todos que o celibatario está exposto a um sem numero de intemperies, que põem em risco não só a sua existencia, mas tambem a vida da especie.

As commoções violentas, as paixões desordenadas, os sentidos excitados pela febre do prazer material, o coração anavahado pela infidelidade, pelo remorso, pelo ódio e pela vingança; os sentidos perdidos pela noite da orgia, a sensibilidade embotada pelas scenas do lupanar, um homem sem alma e um corpo sem vida, taes são as consequencias de tal estado.

Mas isto é muito pouco ainda; se nós quizessemos entrar n'uma enfermaria de syphiliticos,

onde tanta juventude se perde, onde tanta materia apodrece, onde tantos queixumes se ouvem, então ficariamos horrorisados. Mas não é só a syphilis, é tambem a tuberculose e todas as outras doenças de natureza contagiosa.

O homem casado, quando comprehende os seus deveres maritaes e os cumpre, está mais abrigado d'estas influencias morbigenas pela sobriedade, pelo trabalho, pela regularidade e, principalmente, por estar muito longe dos fócios da infecção. Ainda que alguma enfermidade o assalte, tem em casa, no concheço do lar, protecção, vigilancia e amor e tambem enfermeira, que vale tanto como um medico e, muitas vezes, mais do que elle, porque faz resuscitar; emquanto que a maior parte dos celibatarios vão encontrar no hospital a vigilancia mercenaria do enfermeiro e os cuidados do medico officioso.

Expostas, ao de leve, estas razões que nos vieram acudindo á penna, á medida que iamos escrevendo, e que se nos affiguram serem de bastante peso para justificarmos por completo a sanalidade e a longevidade no casamento, passaremos *à vol d'oiseau*, sobre outros pontos de que nos resta fallar n'este capitulo.

Ainda é Bertillon que vem em nosso auxilio com estatisticas sobre casamento, para nos demonstrar as suas vantagens, debaixo do ponto de vista moral, diminuindo notavelmente a criminalidade.

Vejamos o que nos dizem as estatísticas d'este illustre demographista.

Elle tomou, para estabelecer a criminalidade comparada entre os celibatarios, os casados e os viuvos, duas epochas afastadas uma da outra de 15 annos, e n'essas duas epochas encontrou quasi os mesmos resultados.

Assim, de 1840 a 1845 em 1:000 accusados de crimes contra as pessoas e a propriedade, ha: 566 celibatarios, 400 casados e 34 viuvos; em 1:000 accusadas, ha 558 solteiras e 345 casadas.

N'um periodo que vae de 1861 a 1868, affirma que em 1:000 homens accusados ha 539 celibatarios, 401 casados e 60 viuvos; e em 1:000 accusadas, 529 solteiras, 366 casadas e 105 viuvos.

Bem se vê, por esta estatística, a influencia que tem o casamento sobre a criminalidade.

Onde estará a causa?

A nós affigura-se-nos que se póde explicar assim.

O individuo, vivendo isolado no descampado da vida, sem um estimulo para a lucta, sem uma força que o anime, sem uma esperanza que o acalente, sem uma companhia que seja a sua vida, e sem um filho que seja a sua alma, deixa-se cahir n'um desalento enervante, á sombra da mancenilha.

Não trabalha e rouba, não pensa e mata. A consciencia para elle é uma palavra, e a honra uma mentira.

Assassina por vicio e rouba por necessidade. Monstro que vive do trabalho alheio, do sangue da victima e das lagrimas da desgraça, não teme a Deus, nem receia a força.

Tem cerebro de lodo e ventre de leão.

D'onde saem estes abutres damninhos?

Saem da caverna do vicio, da noite da ignorancia e das trevas do celibato.

No casamento, ha o amor que regenera, a esperanza que sustenta as forças do espirito, como os tonicos as do corpo, a santa harmonia do lar, onde não ha conpirações diabolicas, nem tramas sediciosos, o conselho que dirige, a censura que esmaga, o perdão para a falta e a instrucção para o erro.

O homem, no celibato, não obedece senão aos seus instinctos, não tem ninguem que lh'os modere e que l'hos eduque; se tem um pensamento mau, executa-o irresistivelmente; não tem uma companhia que lhe illumine o cerebro e lhe desperte a consciencia e um filho que lhe desarme o braço.

Quantas vezes a lembrança d'um filho, o nome, a honra e a paz da familia não sustêm o criminoso no proprio momento da execução?

O casamento diminue consideravelmente a lista dos criminosos e, se de lá algum sae, é porque não foi feito, segundo as condições indispensaveis, para a felicidade conjugal e a segurança social.

O que é mais para admirar, é que elle preserva do suicídio e da loucura; seria inacreditavel, se não estivessem a affirmar-o homens de sciencia e consciencia.

Foi Voltaire o primeiro que emittiu a opinião de que só os celibatarios se suicidavam por desgosto da vida.

Falret mostrou, por averiguações escrupulosas, que de cem suicidas 67 eram celibatarios.

Brierre e Boismont e Georget confirmam-n'o ainda pelas suas estatisticas.

A mesma predominancia dos celibatarios para o suicídio e a loucura foi confirmada pelas averiguações recentes de Bertillon.

Por a série de considerações que temos feito até aqui, se depreheende a influencia extraordinaria que tem o casamento sobre a moralidade, a vida e a propriedade, não só do individuo, mas tambem da sociedade.

Poderíamos ampliar mais o quadro das nossas considerações, mas encerremo-nos por aqui, por entendermos que fica bem demonstrado o nosso proposito, e por a estreiteza do tempo e o apoucado dos nossos recursos não darem para mais.

Estudaremos no seguinte capitulo as contra-indicações do casamento.

Contra-indicações do casamento

QUEM lêr apenas a epigraphe d'este capitulo, verá n'elle uma contradicção flagrante á defeza apaixonada, mas sincera, que aqui temos feito, do casamento.

Não é assim.

Se nós o temos defendido com o humilde recurso da nossa prosa e illuminado á frouxa luz da nossa razão, tambem o atacamos vehemente-mente, quando não satisfizer ás prescripções da hygiene e aos interesses sociaes.

Se o casamento se realisar nas condições expostas, é uma garantia segura da perfectibilidade da especie e da moralidade e a affirmação pre-emptoria da prosperidade nacional; é tambem uma desgraça para a familia e uma fatalidade

para a geração, quando se effectuar nas condições abaixo mencionadas.

A ignorancia, a ambição, o capricho e a loucura dão-se mutuamente as mãos para, n'uma conspiração diabolica, infernal, deitarem por terra o edificio social, a tanto custo erguido por milhares de gerações.

Ignorantes dos mais rudimentares principios das sciencias naturaes, desconhecendo as leis de hereditariedade morbida, atiram para a sociedade com productos rachiticos e degenerados, com doidos e monstros.

Ambiciosos que fazem do casamento uma ignobil especulação, de cerebro decadente e corpo minado pela acção deleteria d'uma diathese incuravel, allucinados pelas scintillações aurifulgentes d'um punhado de esterlinas, tornam um utero esteril, ou então fazem de lá sahir uma geração de cretinos, tuberculosos, estrumosos, syphiliticos, cacheticos, epilepticos e hystericos e, emfim, toda essa horda de doentes que o casamento nos envia.

Custa dizel-o, mas é verdade; uma grande parte dos padecimentos que affligem a humanidade, ou vieram do ventre materno, ou assentam sobre um fundo morbido, tristemente herdado.

Como obstar ás desgraçadas consequencias de uniões reprovadas?

Só d'uma maneira, creio eu.

Era não consentir que nenhum casamento se

realisasse, sem que a opinião do medico fosse ouvida a respeito do estado de saude dos contrahentes.

D'esta maneira, teriamos uniões felizes e gerações robustas.

Pois, se para contrahir o sagrado sacramento do matrimonio é preciso que um sacerdote lhes limpe a alma de peccados, porque é que o medico, que é o sacerdote do physico, não ha-de ser chamado para lhes limpar os microbios do corpo?

Pois faz mais estragos, só por si, o bacillo de Koch do que quantos peccados teem maculado a alma de todos os mortaes. Isto é uma verdade incontestavel.

Convençam-se d'isto e não se casem, sem que primeiro sejam cuidadosamente depurados por um tratamento apropriado, se a doença fôr curavel, porque, se o não fôr, então fiquem eternamente celibatarios, porque, d'esta maneira, prestam á sociedade e á moralidade um beneficio incomparavel.

O celibato, n'estes casos, é, como diz Pelletan, *la perfection*.

Passaremos agora, em resumo, a enumerar os casos em que o casamento está contra indicado.

Principiaremos pela idade dos nubentes.

*

* *

Não se póde determinar, d'uma maneira absoluta, a idade propria para o casamento, porque varia com os climas, com os individuos, seu temperamento e constituição; o que é preciso é que os dois sexos estejam physicamente aptos para a procreação, intellectualmente preparados para exercerem completamente as funções inherentes ao novo estado que contrahirão.

Poderíamos indicar aqui a idade que os diferentes povos e as variadas civilisações marcaram para a união legal dos dois sexos, mas seria um trabalho demasiadamente pesado e esteril e mesmo fóra do proposito que nos levou a abrir este capitulo, no nosso trabalho.

Trataremos simplesmente dos casamentos *precoces*, *tardios* e *desproporcionaes*, como contra-indicação para a realisação d'esse acto.

Os casamentos *precoces* devem ser formalmente proscriptos pelos gravissimos inconvenientes que trazem para os conjuges, para a moralidade, para a familia e para a especie.

Uma lei que os auctorisasse, seria absurda e homicida.

N'esse periodo de chimeras e phantasias, em que a imaginação é mais viva e os sentimentos

mais exaltados, os neophytos do matrimonio entregam-se exclusivamente ás libações amorosas, intempestivas, á satisfação material do impulso genetico, sem, ao de leve, considerarem nos pesados encargos, impostos á nova condição, e na dura responsabilidade dos seus actos perante a sociedade e perante a consciencia.

O que deriva como consequencia immediata d'essas uniões, reprovadas pela sciencia e consciencia?

E' o esgôto completo das faculdades geradoras em breve trecho, é a depressão de toda a funcionabilidade organica; é a decadencia physica, levando-os, em pouco tempo, ao somno eterno, segundo affirma Bertillon; é o desequilibrio da dynamica cerebral, levando-os á loucura; é o tédio e o odio ás relações conjugaes; é o aborrecimento e indifferença ao lar domestico.

Mas não pára aqui a série de inconvenientes. Elles imprimem á sua descendencia um certo character de debilidade geral, que muito favorece a eclosão ulterior das doenças hereditarias. Elles vão, pelo seu incompleto desenvolvimento physico, transmitir á geração uma constituição fraca, que é um adjuvante poderoso de todas as perturbações morbidas, de que ella póde ser theatro.

A vida da mulher está constantemente em perigo, sendo pequena e delicada, sobretudo.

Encarregada de formar e de sustentar o novo

ser, corre o risco de lhe faltarem os materiaes necessarios á sua existencia e não dar origem senão a abortos. A gestação a enerva, e a amamentação a esgota.

Ella não é propria para desempenhar o papel de mãe, nem de esposa, diz Legouvé.

Egualmente os casamentos *tardios* são nocivos ao casal e á prole, já por ser por demais limitada a fecundidade n'estas uniões, já pela difficuldade com que dão á luz as mulheres que ultrapassam certa idade.

A mulher é mais exposta ao aborto, pela inextensibilidade do utero, e a falta de laxidez das articulações dos ossos da bacia torna o parto laborioso e difficil e, portanto, distocico; d'ahi as consequencias, muitas vezes, desastrosas da intervenção cirurgica. Quanto aos filhos, falta-lhes a vivacidade e a alegria propria da sua idade; são mais expostos ao rachitismo e morrem frequentemente de tuberculose pulmonar, sem que os paes estejam affectados.

Se vivem, não adquirem um grande desenvolvimento physico e pagam um tributo precoce ás affecções hemorrhoidarias, segundo diz Garnier.

Quanto aos casamentos *desproporcionaes*, é facil de vêr as suas consequencias.

Com que vontade é que uma mulher, alegre, espirituosa, juvenil e bella, se póde unir á carne fria d'um velho, já gasto pelo tempo e, muitas vezes, embotado pelos prazeres da sensualidade?

Não pôde ser.

Uma rosa nunca ficou bem ao pé d'um cy-preste.

«Os amores d'um velho são ridiculos e nojentos, e inspiram uma repulsão comparavel á ideia do encesto.

«A castidade é forçosamente ausente n'esses deleites em que a brutalidade dos sentidos não é amortecida, nem poetisada pelos impulsos apaixonados do coração», diz Mayer.

Mas ha mais ainda.

Quando uma abelha não pôde beber todo o nectar d'uma flôr, veem as companheiras ajudal-a com o seu aparelho sugador. . .

O pobre velho, coitado! resona docemente em cima do *divan*, enquanto que a esposa, alegre e doidejante, vai desfolhar, uma a uma, as flôres do noivado, e, depois ao despertar, vem-lhe poisar nos labios o beijo da traição.

Oh! moralidade! . . .

Esse velho nojento condemna-se assim a um suicidio lento, e, como diz Alexandre Hardy:

*On ne se servira que d'un même flambleau
Pour le conduire au lit et du lit au tombeau.*

Mas o inverso é, da mesma maneira, hediondo.

Com que satisfação é que um joven marido, no florir da vida, quando todas as forças vivas da materia estão no auge da actividade, pôde corres-

ponder ás provocantes e reiteradas caricias d'uma velha, que não tem encantos, nem belleza?

Não póde ser. Cupido nunca abraçou a morte.

Emquanto a pobre velha, esqueletica e esguia, faz ranger a dura ossada no lugubre silencio da casa, anda cá por fóra o marido, contente e satisfeito, a cantar trovas amorosas por debaixo das janellas e a apanhar as flôres cahidas d'uma corôa de noivado.

Oh! moralidade!...

A vaidade, a usura, o calculo infame, o menosprezo da moral e da virtude, marcham sempre na vanguarda de taes uniões, e não ha palavras, epithetos, phrases, epigrammas, nem satyras, que possam condemnal-os e ridicularisal-os com o desprezo que merecem.

Estes casamentos são, d'ordinario, estereis, mas, se produzem, e o fructo é bom, é caso para se desconfiar da sua procedencia, porque os filhos legitimos, sahidos d'estas uniões, são, geralmente, cacochymos, degenerados, debeis, lymphaticos e escrofulosos. São jovens-senis, que não teem, nem a apparencia, nem o vigor dos filhos nascidos nas condições normaes.

Taes são as deploraveis consequencias da maior parte d'essas uniões monstruosas, cuja ideia só revolta o pudor.

Nós terminaremos as considerações com referencia aos casamentos desproporcionaes com um apologo castelhana seguinte:

«D. Juan del Charco tinha um jardim, em Carabunchel, no qual elle queria fazer um arco com duas arvores que alli se achavam perto uma da outra. Uma era pequena, e outra muito grande; mas, não obstante essa degualdade, o homem não desistiu. Surdo á razão, porque era muito bruto, D. Juan prendeu o cimo da pequena arvore ao cimo da grande. Esta união foi tão penosa ás pobres arvores, como se calcula, que ellas rangeram de raiva.

Para quebrar os seus laços, a maior puxou tanto que arrancou a pequena em poucas *saccudellas*, e, com ella dependurada, levantou o seu cume ao céu; mas, arrastada pelo seu peso, caíu bem depressa sobre o solo. D'onde, certas pessoas concluem que as uniões deseguaes destroem e se destroem.»

Passaremos agora a dizer alguma coisa a respeito dos casamentos *consanguineos*, assumpto de tão longe tratado e tão modernamente debatido por moralistas e naturalistas.

Se é verdade que, n'esta questão de interesse tão palpitante, se teem empenhado cerebros tão vivos e trabalhadores, tão incansaveis, como Darwin, Aubé, Remis, Debay, Spencer e Bätz, força é confessar que, d'esse conflicto de opiniões, d'esse pleito renhido, ainda não saíu uma conclusão que possa ser unanimemente abraçada.

Tem-se opposto argumento a argumento, estatística a estatística. Uns dizem que os casamen-

tos consanguineos são de consequencias desastrosas, porque, ou são estereis, e isso ainda é o melhor, ou então dão origem a uma geração de cretinos, surdos-mudos, albinos e fracos; os outros, á face das suas estatisticas, affirmam que taes consequencias não existem, e concluem por considerar os casamentos consanguineos como innocentes e, por vezes, até vantajosos para a prole.

Nós não nos apaixonaremos nem por uns, nem por outros; conservamos-nos ecleticos.

Não condemnamos os casamentos entre primos e primas em primeiro grau, quando fôrem realizados, fóra de qualquer intenção ambiciosa ou especuladora, e quando os parentes estiverem em boas condições phisicas e moraes, porque as estatisticas não são desfavoraveis; mas condemnamol-os e até os anathematisamos, quando uma preversão moral ou conveniencia de familia, razão ou interesse material, forem, como quasi sempre acontece, o unico movel da sua realisação.

Casamentos quasi sempre feitos pela imposição da familia, que, tendo a razão empanada pela ganancia e pelo lucro, não vê as desastrosas consequencias que d'elle podem derivar para a moralidade e, muitas vezes, para a prole.

E' raro que o amor una os primos, mas quasi sempre o interesse. O que acontece?

E' o breve arrependimento, a separação ver-

gonhosa, a incriminação de quem os obriga e, peor do que tudo isto, uma descendencia miseravel, devida, muitas vezes, á heterogeneidade constitucional dos progenitores.

Os casamentos entre tio e sobrinha e entre sobrinho e tia, para esses não temos palavras com que possamos estigmatizar-os, nem mesmo lhe daremos a consideração de nos occuparmos d'elles, porque são de tal modo ridiculos que até, só n'elles pensarmos, nos incommodamos.

Feitas de passagem estas breves considerações a respeito dos casamentos consanguineos, seja-nos permittido lavrar aqui uma censura ás nossas instituições, por consentirem na especulação torpe que a Igreja faz d'estes casamentos.

E' notavel: antes da dispensa, os contrahentes não estão nas condições que a hygiene recomenda e a sociedade exige, mas, depois da chancellia papal, tudo se transforma *por encanto* que ella só conhece. Simplesmente pasmoso!

Não será conveniente que a intervenção da Igreja n'estes actos fôsse substituida pela intervenção medica?

Incontestavelmente que era.

*

* *

Para justificarmos as considerações que temos a fazer ao terminar este capitulo, é preciso ante-

pôr-lhe algumas noções, ainda que rapidas, a respeito de hereditariedade, assumpto este de tamanha monta que não poderá encadrar-se completamente em espaço tão pequeno como o que nós lhe podemos dispensar, nem tambem ser tratado por nós com a consideração que merece, por nos faltarem para isso os recursos do espirito e do saber. Ainda assim passaremos por cima d'elle, ao de leve, por a força das circunstancias nol-o exigirem.

E' sabido por todos que, hoje, o jardineiro sufficientemente illustrado pôde a seu talante, pelo cruzamento das especies e pela selecção artificial, dar ás flôres do seu jardim o aroma enebriante da tilia e a belleza encantadora do nenuphar; pôde fazer passar pela sua imaginação todas as flôres d'um canteiro. E' realmentê bello, mas elle não o conseguiria, se não soubesse que d'uma semente nasce uma planta semelhante á que lhe deu origem e que do cruzamento das especies resulta uma variedade nova. No reino animal, dá-se exactamente o mesmo; a natureza faz reproduzir, na seriação organica, aos que estão superiores, as aptidões phisicas, a morphologia, a força, o character e até muitas vezes as faculdades psychologicas e moraes d'aquelles que estão collocados inferiormente na hierarchia zoologica; e, por seu turno, o zootechnico faz-lhe variar os caracteres pela selecção e pelo cruzamento: isto é um facto que todos os dias observamos.

Backwell, o celebre colono inglez, conseguiu, depois de 15 annos de ensaios, apresentar uma numerosa raça de bois, destinados ao açougue, quasi sem pernas nem esqueleto, tendo quasi exclusivamente musculos, vestidos por uma fina pelle.

Persuadido que os cornos são inuteis e até prejudiciaes, chegou a crear especies novas, completamente privadas d'elles.

Outros educadores inglezes, taes como Fowler, Paget e Princeps, teem obtido o mesmo resultado.

Da raça lanigera tem-se conseguido o mesmo.

O zootechnico dá á lã a côr e a finura que quer, e ao corpo o talhe que deseja.

Tem-se conseguido fazer carneiros quasi sem pernas, só para não saltarem a propriedade alheia. O educador faz cavallos para corrida e cavallos para carga. Emfim, o homem é capaz de fazer dos animaes o que quizer, confiado na lei da hereditariedade.

Na especie humana, todos o sabem, os paes transmittem aos filhos, não só o seu conjuncto organico, mas até os seus caracteres proprios, d'onde resulta um cunho especial para cada familia.

Assim é que a tribu de Niams-Niams é distincta das outras pelo sacro e forma da cauda; os Borbons pelo nariz e Buccones pelos labios.

Mas não são só as aptidões physicas que se herdám, são tambem as intellectuaes. Assim,

nós encontramos a familia Ampère, Cassini, Jussieu e Jeffroy-Saint-Hilaire e outras.

Bacon, Condorcet, Byron e Lamartine eram filhos de paes, já conhecidos no mundo das letras pelo seu talento.

Mas o que é verdade é que, não só se herdaram as constituições robustas e os grandes talentos, mas também as disposições a contrahir as doenças de que os paes foram atacados, a não ser aquellas que atravessam o organismo, sem lhe deixarem os vestigios da sua passagem. E' uma triste e ultima prova da solidariedade ascendente, que liga entre si gerações successivas da mesma familia.

Se isto é um facto de observação diaria, é indispensavel que se olhe para elle com toda a attenção que merece, para não vermos caminhar a nossa sociedade n'uma decadencia physica manifesta.

Só, por dois caminhos nos podemos conduzir para chegarmos a conjurar o perigo das aptidões organicas morbidas, pela hygiene, habilmente dirigida, e pelo casamento, que só se deve consentir, quando ambos os sexos ou, pelo menos, um estiver nas condições de dar uma geração, isempta de qualquer fundo morbido. E' por isso que nós contra-indicamos os casamentos, quando os contrahentes estiverem inquinados d'alguma das doenças ou diatheses, abaixo apontadas.

*

* *

A syphilis é a mais grave de todas as doenças que devem condemnar a um absoluto celibato o seu portador, pelo menos, enquanto não estiver curado das suas manifestações exteriores, ou melhor, enquanto não se confirmar conclusivamente a sua cura.

Não só se devem reprovar e condemnar as uniões conjugaes, quando qualquer dos nubentes e principalmente a mulher, estiver varoloso, mas até se devia estabelecer uma pena correspondente á enormidade do crime perpetrado.

E' preciso, realmente, ter-se uma consciencia gafada, um instincto perverso e uns sentimentos pestilentos para se commeter voluntariamente esta infracção miseranda ás leis que regulam a prosperidade da familia e, conseguintemente, a da especie.

O remorso não morderá a consciencia áquelles que fazem morrer tanta creança ao nascer?

E' horroroso o que dizem as estatisticas de Fournier, a respeito da mortalidade de filhos, sahidos de paes syphiliticos.

Se só o pae é atacado, a proporção é de 75 p. c., mas, quando é a mãe, esta proporção é medonha, attinge quasi a totalidade dos partos. Mesmo que a creança consiga subtrahir-se á terrível

herança, sobrevêm-lhe muitas vezes a tísica, a escrophula, o cancro e a carié dos ossos, como demonstrou Boersch nas familias de Strasburgo.

Ainda haverá coragem e malvadez que resistam a estas demonstrações cathgoricas?

Se o consentisse a indole d'este trabalho, e mesmo se se podesse entalhar bem n'esta altura, teriamos de fulminar aqui as inspecções sanitarias, feitas ás meretrizes, sem o mais pequeno escrupulo, e á incuria do nosso governo, consentindo que se vendam publicamente pelas viellas as consciencias, e que se comprem doenças, que vão produzir estragos irreparaveis na nossa população.

Depois d'esta, vem a tuberculose pulmonar, que é tambem de deleterias consequencias para a geração, não que se herde o microbio especifico, mas sim pela transmissão d'uma constituição que a torna muito apta para a contrahir.

A hysteria, a epilepsia, o cretenismo, a idiotia, a alienação, o alcoolismo, a monomania, a hypochondria e, emfim, todas as molestias parasitarias devem ser consideradas como contra-indicadas no casamento.

Claro está que toda a doença ou defeito no apparelho gerador, tanto no homem, como na mulher, conduzindo á esterilidade, assim como qualquer preversão de sentido genetico, devem ser motivo para contra-indicação.

Referimos-nos por ultimo aos apertos da bacia da mulher.

O casamento é formalmente proscripto ás mulheres que tiverem o diametro antero-posterior da bacia inferior a 5 centimetros.

Se a concepção se realisa quando a bacia tiver os diametros notavelmente reduzidos, a vida da mulher, assim como a do producto, estão em imminente perigo de vida.

Para justificarmos esta asserção, basta-nos relatar dois casos succedidos na nossa Enfermaria de Clinica de Partos.

No dia 5 de dezembro de 1887, entrou para esta Enfermaria a anã Anna de Jesus, casada, natural de Ancedes, residente em S. Roque da Lameira.

Sentiu as dôres de parto no dia 3, prolongando-se até ao dia em que se fez a operação da embryotomia por meio do cephalotribo.

A creança, do sexo feminino, foi extrahida morta, pelo processo operatorio.

No dia 6 de janeiro, falleceu a nossa doente com uma peritonite traumatica, devida ao estalamento da symphese do pubis.

Foi autopsiada e verificou-se que o promontorio era muito proeminente, não contando o diametro antero-posterior mais de 5 centimetros, e os transversaes eram muito reduzidos.

No anno de 1886, foi operada na mesma enfermaria uma parturiente, nas mesmas condições e com o mesmo resultado.

Muito de proposito deixamos para o fim estas

considerações, para podermos fechar o nosso trabalho com uma censura ás nossas leis e aos nossos magistrados.

Esta desgraçada mulher foi um dia atacada pelos appetites bestiaes d'um *bipede animal*, sem consciencia e talvez mesmo sem instincto, a não ser o genetico; resultou d'aqui que as auctoridades, tendo conhecimento do caso, obrigaram o *patife* a unir-se matrimonialmente á mulher que deshonrou e victimou.

Epilogo da tragedia.

A mulher morreu victima do parto, emquanto que o meliante que a matou, passeia altivamente pelas ruas da cidade. Flagrante injustiça, que resulta da inepecia dos nossos magistrados e da insufficiencia das nossas leis.

Se, em lugar de obrigarem o bruto com *b* minuscuro a reparar, por meio do matrimonio a infamia que commetteu, o mandassem para o ergastulo d'um presidio expiar o seu crime, teriam esvurmado da sociedade um membro prejudicial e dado um exemplo aos degenerados da especie. Davam, d'esta maneira, uma prova de sciencia e consciencia; assim, attestam claramente a sua incompetencia, em assumptos d'esta ordem e a desgraçadissima confecção das nossas leis.

E dizem então que Castelar não tem razão, chamando-nos a Turquia do Occidente!

Podéramos explorar por mais largo o nosso assumpto, mas ficaremos por aqui, por o tempo

e os nossos affazeres e, mais que tudo a necessidade de o defendermos n'esta epocha, nos embaraçarem o passo no caminho que tinhamos a fazer, atravez d'um campo tão erriçado de escabrosidades e espinhos, como é aquelle que nós escolhemos para semearmos as ultimas sementes que nos restam do nosso celleiro escolar.



PROPOSIÇÕES

Anatomia.—A descripção que se faz actualmente do tricípite crural, não corresponde á realidade dos factos anatomicos.

Physiologia.—Um dos papeis mais importantes das lagrimas é hygrometrisar o ar inspirado.

Materia medica.—Como desinfectante do tubo digestivo, preferimos a agua sulfo-carbonada.

Pathologia interna.—A erupção sudoral, quando apparece, depois do segundo septenario, na febre typhoide, é de bom prognostico.

Pathologia externa.—Nas ulceras rebeldes ao tratamento pharmacologico, deve empregar-se a electricidade.

Operações.—Nas amputações das hemorrroides, preferimos o galvano-cauterio ao ferro.

Anatomia pathologica.—Admittimos a autogenese vascular nas neoplasias inflammatorias.

Partos.—No parto das anãs, preferimos a operação de Porro á embryotomia.

Pathologia geral.—Nos desvios dos órgãos vizinhos da pleura inflammada, deve-se distinguir a parte real da parte apparente.

Hygiene.—Nas dispensas matrimoniaes, a intervenção dos poderes civis e ecclesiasticos deve ser precedida da sancção medica.

Visto

Illidio do Valle.

Pode imprimir-se

O DIRECTOR,

Visconde d'Oliveira.

ERRATAS

Pag.	Linhas	Aonde se lê	Leia-se
47	15	nojentos parasitas	dictadores
48	20	grande visionario	<i>grande visionario</i>
51	5	systematica aversão	repugnancia
51	11	perniciosa	dogmatica
51	13	inquinando-as	enchendo-as
103	22	substituida	dirigida